



Carla Sá

Carla Sá é Professora Auxiliar de Economia na Universidade do Minho e investigadora no NIPE e no CIPES.

Doutorada em Economia pelo Tinbergen Institute/Vrije Universiteit Amsterdam, trabalha nas áreas da economia da educação e do trabalho.

Publica em revistas internacionais com revisão por pares.

Tem coordenado e integrado equipas de investigação em projetos financiados por organizações como a FCT, A3ES, EDULOG, FFMS, FJN e Fundação Semapa – Pedro Queiroz Pereira. Realiza consultoria para diversos organismos, incluindo ministérios e a OIT.

É membro do Conselho Nacional de Educação.



INCLUSÃO: DE EXCEÇÃO A REGRA

Nove em cada dez professores têm, nas suas turmas, pelo menos um aluno com necessidades educativas especiais (NEE). É o que revela o inquérito nacional “A Voz dos Professores”, realizado no final do ano letivo 2024/25. Praticamente todas as salas de aula em Portugal são hoje salas de educação inclusiva.

Contudo, a realidade é complexa. Cerca de três em cada cinco professores consideram que o ambiente escolar é acolhedor para alunos com NEE. Em contrapartida, apenas dois em cada cinco dizem ter os recursos necessários. No 1º ciclo — onde os professores reportam maior percentagem de alunos com NEE —, apenas 23% consideram dispor dos meios adequados.

Do que precisam os professores? Mais recursos humanos especializados: professores de educação especial, psicólogos, terapeutas da fala, terapeutas ocupacionais, técnicos de apoio. Precisam também de **materiais pedagógicos adaptados, de espaços físicos acessíveis e de mais formação prática em educação inclusiva.**

Há ainda outro sinal de preocupação. Os professores de educação especial, no centro do sistema de inclusão, mostram sinais de desgaste. Têm forte vocação: **85% escolheram esta carreira como primeira opção.** Mas apenas 63% voltariam a fazê-lo, contra 70% no total da classe docente. **Quase um em cada quatro pondera mudar de profissão.** Enfrentam o dobro dos casos de má nutrição e de maus-tratos e o triplo dos casos de problemas de comportamento graves.

Se queremos uma escola verdadeiramente inclusiva, a legislação é apenas o primeiro passo. Os professores precisam de mais pessoas, mais formação, melhores condições. **Existe boa vontade em grande parte das escolas, mas é preciso reforçar os meios.**